



***NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM DIVERSIDADE SEXUAL
(NUDISEX): 12 ANOS DE LUTAS!***

***CENTER FOR SEXUAL DIVERSITY STUDIES AND RESEARCH
(NUDISEX): 12 YEARS OF STRUGGLES!***

***CENTRO DE ESTUDIOS E INVESTIGACIONES DE LA DIVERSIDAD
SEXUAL (NUDISEX): ;12 AÑOS DE LUCHAS***

Eliane Rose Maio¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever os 12 anos do grupo de estudos e pesquisas, o NUDISEX. Este grupo foi elaborado, a partir da demanda de muitos temas sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual, que tinham na Universidade Estadual de Maringá, e não se encontravam estudos sobre estas temáticas. A metodologia é a partir da narrativa de diversas pessoas que fizeram/fazem parte deste grupo, trazendo histórias de vivências, eventos, cursos, fatos deste grupo, desde 2009. Espera-se que, a partir das narrativas aqui expressas, possam contribuir com a união de muitos grupos que estão na luta, por estudos científicos sobre a diversidade sexual.

Palavras-chave: grupo de estudos; narrativas; gênero; sexualidade.

ABSTRACT

The present manuscript describes 12 years of researches and debates of the study group entitled NUDISEX. The referred group was created based on the lack of discussion on topics as gender, sexuality, and sexual diversity held on the Universidade Estadual de Maringá. The methodology used is based on the narrative of several members, former and active, of the NUDISEX since 2009. Experiences, events, courses, and facts are detailed in this study. We expect that the narratives expressed through this manuscript can support the junction of other groups that also claim for scientific studies on sexual diversity.

Keywords: study group; narratives; gender; sexuality

¹ Doutora em Educação Escolar pela UNESP/Araraquara e Professora da Universidade Estadual de Maringá, no Departamento de Teoria e Prática da Educação.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo describir los 12 años del grupo de estudio e investigación, el NUDISEX. Este grupo fue creado en base a la demanda de muchos temas sobre género, sexualidad y diversidad sexual, que tenían en la Universidad Estadual de Maringá, y no se encontraron estudios sobre estos temas. La metodología se basa en la narrativa de varias personas que fueron/son parte de este grupo, trayendo relatos de experiencias, eventos, cursos, hechos de este grupo, desde el año de 2009. Se espera que, a partir de las narrativas aquí expresadas, puedan aportar a la unión de muchos grupos que están en la lucha, por los estudios científicos sobre la diversidad sexual.

Palabras clave: grupo de estudio; narrativas; género; sexualidad.

INTRODUÇÃO

Ao nos debruçarmos sobre este artigo, passa o tal do “famoso filme”... 12 anos de história, uma trajetória de muitas lutas, estudos, enfrentamentos etc. Para contarmos sobre a história do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual (NUDISEX), retornamos no ano de 2009, em retorno de uma viagem, em Araraquara-SP, onde fomos participar de um evento na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Fiz meu Doutorado nesta instituição, entre os anos de 2004 a 2008, com a orientação do professor Doutor Paulo Rennes Marçal Ribeiro, defendendo a tese intitulada: “Palavrões ou palavras: um estudo com educadoras/es sobre sinônimos usados na denominação de temas relacionados ao sexo”.

Já tínhamos uma trajetória de cursos e eventos, relacionados às temáticas de gênero, sexualidade, violência sexual, no Departamento ao qual pertencíamos na Universidade Estadual de Maringá (UEM), que é o Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP), desde 1998. Mas, ainda não havia constituído um grupo de estudos, formalizado, principalmente pela Plataforma Lattes. Talvez pela correria da vida e por não ter finalizado o Doutorado, pois a demanda era muito extensa e intensa.

Ao retornarmos dessa viagem para Araraquara/SP, em meados de 2009, do evento “V Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual “Paraná – São Paulo”, promovido pelo meu orientador, Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro e por seu grupo de Pesquisa, intitulado Núcleo de Estudos sobre Sexualidade (NUSEX), do qual eu fazia parte na época do Doutorado, estávamos no carro, a professora Dra. Crishna Mirella de

Andrade Correa, a professora Ms. Luciana Grandini e a então, acadêmica de Pedagogia, da UEM-sede, Solange Mendonça da Silva. Ao conversarmos sobre a elaboração de um grupo de estudos, começamos a elaborar o nome do grupo, e depois de várias tentativas, ficou a sigla NUDISEX – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual.

Ao chegarmos em Maringá, convidei vários/as colegas da Universidade e discentes de vários cursos, para criarmos o grupo. A adesão, via discentes foi muito boa, mas em relação a docentes, não houve muita procura, pois poucas pessoas estudavam as temáticas de sexualidade, no âmbito da Universidade.

Fizemos o cadastro via Plataforma Lattes, no Diretório de Grupos de Pesquisa, e adicionamos os/as diversos/as acadêmicos/as e poucos/as docentes que se interessavam pela temática estudada. Nos organizamos em datas para os estudos e diversos eventos para a comunidade acadêmica.

Em 2011 a aluna Solange Mendonça inicia seus estudos para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de Pedagogia, e relata sobre o NUDISEX. Seu tema era “A importância de estudos e pesquisas sobre gênero e diversidade sexual na educação”, que foi orientado por nós. A seguir reproduzimos alguns pontos do seu estudo.

Em 2010, surge o Laboratório de Educação Sexual surgindo a partir do grupo de estudo que, por sua vez, surgiu a partir do I Simpósio de Educação Sexual, realizado na Universidade Estadual de Maringá (UEM), e conta com apoio financeiro da Fundação Araucária. O Laboratório localizava-se no Bloco 05, sala 03, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Eliane Rose Maio, Prof^a. Dr^a. Crishna Mirella e Prof^a. Ms^a. Luciana Cabreira. Nele, a então graduanda, Solange Mendonça da Silva, desenvolve Projeto de Iniciação Científica, financiado pela Fundação Araucária.

O grupo de estudos desenvolve atividades e pesquisas nas seguintes áreas: Educação Sexual e Gênero na Escola, Mídia e Sexualidade, Deficiência e Sexualidade, Diversidade Sexual e Direitos Sexuais. As atividades acontecem quinzenalmente e são voltadas para estudos bibliográficos, projetos de pesquisa e extensão, e eventos como palestras, simpósios, minicursos e oficinas. Seus/suas participantes são profissionais de diversas áreas e alunos/as dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Direito, Biologia e Enfermagem. No grupo, há pesquisadores/as de variados níveis de ensino: pós-doutorado, doutorado, mestrado, especialização e graduação.

São muitas orientações tanto no Mestrado, no Doutorado e no Pós-Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE), da UEM, com as temáticas que trabalhamos no NUDISEX. Destacamos, também, que além desses projetos/orientações,

também tiveram os Trabalhos de Conclusão de Cursos, principalmente do Curso de Pedagogia, bem como outras licenciaturas. Também orientamos em Cursos de Especializações e Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), curso oferecido pelo Núcleo Regional de Educação (NRE), aos/às docentes concursados/as por esse Órgão em que puderam fazer o curso via a UEM, por dois anos, em que assistiam aulas e faziam um trabalho final. Desde 2016 ele não está mais agregado às universidades públicas e sim ao próprio NRE.

Em relação aos eventos apresentamos, inicialmente, os Simpósios bianuais que fazemos desde 2009, que somam seis até agora. Entre os dias 21 a 24/04/2009, realizamos o I Simpósio Internacional de Educação Sexual, o SIES. Esperávamos a inscrição de umas 150 pessoas, pois foi este o número de pastas que fizemos. Nossa surpresa foi de que ao deixarmos o site aberto para as inscrições, a pedidos, totalizaram quase 1.200 pessoas inscritas. Nem local na UEM temos para acolher tantas pessoas, como também nenhum patrocínio. Conseguimos utilizar a parte nova da Biblioteca Central da Universidade, que ainda não estava sendo utilizada e as inscrições foram suficientes para quitarmos os custos do evento.

Para este primeiro evento tivemos a presença de seis palestrantes, sendo o professor Dr. Eládio Sebastian Heredero, da Universidade de Alcalá de Henares, de Guadalajara-ES, com a palestra de Abertura. O Dr. Toni Reis, então presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ALGBT), da psicóloga clínica Eliany Mariussi, de Maringá-PR, da professora Dra. Mary Neide Damico Figueiró, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), do professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, da UNESP/Araraquara e uma outra por mim. Tivemos apresentação de pôsteres, também. A avaliação dos/as participantes foi muito boa, e nos pediam por outro evento, ano seguinte. A equipe organizadora refletiu que o evento deveria ser bianual, tamanha a demanda de ações necessárias. E assim fizemos.

O II SIES, ocorreu entre os dias 28 a 30 de abril de 2011. Pela procura de pessoas interessadas no último evento, precisaríamos de um espaço maior, já que a Biblioteca da UEM utilizava o espaço que nos foi emprestado anteriormente. Em nossa cidade só há dois espaços que comportam mais de 600 pessoas, o Teatro Municipal Calil Haddad e o Teatro do Colégio Marista (colégio particular). Ambos são locais que necessitam de pagamento para serem utilizados.

Ao enviarmos pedidos para o Teatro Municipal, antecipadamente, nos informaram que já estavam ocupadas as datas que precisaríamos. Assim, locamos o

Teatro Marista. Foram quase 850 pessoas inscritas. Estiveram presentes, como palestrantes foram Dra. Carmen Spirito Alcaide (UAH-Universidad Alcalá de Henares/Guadalajara-Espanha), na palestra de Abertura e as seguintes Mesas Redondas: Eliane Rose Maio (UEM), Dra. Patrícia Lessa (UEM) e Dra. Maria Rita César (UFPR); Dra. Claudia Ribeiro (UFLA), Dra. Constantina Xavier Filha (UFMS) e Dra. Helena Altmann (UNICAMP); Dra. Ana Claudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru), Dr. Ari Maia (UNESP/Bauru), Dra. Fernanda Sodelli (UNESP/Bauru); Dr. Rogério Diniz Junqueira (INEp), Dra. Paula Ribeiro (FURG) e Beto de Jesus (São Paulo); Dra. Miriam Pilar Grossi (UFSC), na palestra de encerramento. Muitas pessoas se inscreveram para apresentar trabalhos, totalizando mais de 200.

Em 2013, aconteceu o III SIES, entre os dias 26 a 28 de abril. Novamente o local do evento foi no Teatro Marista. A equipe organizadora optou em termos propostas de envio de Grupos de Trabalhos (GT), em que as pessoas proponentes é que receberiam os trabalhos, avaliando-os se seriam aceitos ou não. Foram contabilizados/as quase 800 participantes, novamente. Os/As palestrantes convidados/as foram: María Luísa Femenias, de Buenos Aires, ministrando a palestra de abertura; Dra. Tatiana Lionço, da UNB, Universidade de Brasília, Dr. Anderson Ferrari, da UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora, Dr. Fernando Seffner, da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dr. Edvaldo Souza Couto, da UFBA, Universidade Federal da Bahia, Dra. Jimena Furlani, da UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, Dra. Dayana Brunetto, do Núcleo Regional de Educação do Paraná, João Nery, primeiro homem trans do Brasil, Dra. Eliane Rose Maio, da UEM, Beto de Jesus, diretor da Aids Healthcare Foundation (AHF) Dr. Murilo Moscheta, da UEM, Dra. Suely Messeder, da UFBA, Dra. Thais Cristina Montaldi Gava, da FCC, Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, Dr. Rogério Diniz Junqueira, do INEp, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em Brasília, Dra. Patrícia Lessa dos Santos, da UEM, Dra. Ivana Simili, da UEM, Dra. Maria de Fátima Salum Moreira, da UNESP, de Presidente Prudente-SP, Dr. Leonardo Lemos, da UNESP, de Assis-SP, Dra. Maria Cristina Cavaleiro, da Universidade Estadual Norte do Paraná, UENP de Cronélio Procópio-PR, da Dra. Isadora Vier Machado, da UEM, Dra. Arilda Ribeiro, da UNESP, de Presidente Prudente-SP, Dra. Roberta Stubs Parpinelli, da UEM e Dr. Wiliam Siqueira Peres, da UNESP, de Assis-SP. A apresentação de trabalhos,

Já, em 2015, entre os dias 22 a 24 de abril, o IV SIES ocorreu na própria UEM, pois os custos do uso do Teatro Marista estavam muito caros, para ser arcado pelo

orçamento estabelecido para o evento, assim, tivemos que limitar o número de inscritos/as para até 400 pessoas, pois não temos espaço suficiente no Campus da UEM. Houve muita procura, mas não pudemos abrir mais vagas. As temáticas debatidas, giraram em torno deste item: feminismos, identidades de gêneros e políticas públicas. O projeto tinha como objetivo: “Discutir as temáticas sexualidade, direitos humanos, diversidade sexual, formação docente e práticas pedagógicas no espaço educativo”, o que foi amplamente alcançado, conforme relatos dos/as participantes. Os/As palestrantes neste evento foram: Tamara Adrian (Organização das Nações Unidas – ONU), Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (UFU), Dagmar Elisabeth Estermann Meyer (UFRGS), Elisabete Regina de Oliveira (ECOS – Comunicação em Sexualidade), Marcio Rodrigo Vale Caetano (FURG), Silvana Vilodre Goellner (UFRGS), Daniela Auad (UFJF), Arianna Sala (UFSC), Luciana Grupelli Loponte (UFRGS), Rogério Diniz Junqueira (INEP), Luma Nogueira de Andrade (UFC), Flávia Teixeira (UFU), Neil Franco Pereira de Almeida (UFMT). As apresentações de trabalho, em formato de Grupos de Trabalho, excederam a mais de 200.

Em 2017, o V SIES, aconteceu entre os dias 26 a 28 de abril, nas dependências da UEM, com número limitado de inscrições, que totalizaram próximo às 400 pessoas. As temáticas centrais foram: diálogos transversais, currículos identitários e pluralidades de gênero. E tivemos como palestrantes, as seguintes pessoas: Mario Pecheny (UBA-Buenos Aires), Sandra Unbehaun (Fundação Carlos Chagas-FCC), Fernando Pocahy (UERJ), Maria Eulina Carvalho (UEPB), Fernando Penna (UFF), Anna Paula Vencato (UFMG), Ana Maria Colling (FGD), Ludmila Castanheira (UEM), Jamil Cabral Sierra (UFPR), Guilherme Almeida (UFF-Rio das Ostras). O evento também ocorreu na UEM, com o mesmo número de possibilidades de pessoas inscritas, pois o espaço é limitado, conforme já anunciamos. Novamente, as apresentações de trabalhos foram em GT com mais de 170 apresentações.

E, em 2019, entre os dias 24 a 26 de abril, aconteceu o VI SIES, com a temática geral, Gêneros, sexualidades e diferenças: categorias de análise, (des)territórios de disputas. As pessoas palestrantes foram: Maria Teresa Vilaça (Universidade do Minho), palestra de abertura, e participantes de Mesas Redondas: Isaías Batista de Oliveira Júnior (UNESPAR), Maria Cláudia Dal’igna (UNISINOS), Marlene de Fáveri (UDESC), Joana Maria Pedro (UFSC), João Geraldo Netto (MS), Alexandre Silva Bortolini de Castro (USP), Vinícius Colussi Bastos (UEL), Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR), Jaqueline Gomes de Jesus (IFRJ). O espaço utilizado foi na UEM,

com a proximidade de umas 300 pessoas participantes, bem como apresentações de trabalhos em GT.

Ao citarmos estes eventos, que tanto mobilizaram a UEM, quer seja pelas pessoas convidadas para palestrar, ou pelo número de pessoas interessadas em estudar estes temas e as apresentações de trabalhos, nos faz refletir o quanto se faz necessário em dar continuidade aos estudos de gênero, sexualidade, feminismos e diversidade sexual, focando o espaço escolar.

A atenção aos temas elencados nos fazem refletir, ainda em memórias históricas, o quanto temos que continuar a lutar. Vale ressaltar um acontecimento que nos aconteceu no evento de 2017, no V SIES. Na Abertura do evento, no dia 26 de abril, foi apresentada a peça teatral: “As Pedras no meu Sapato”, escrita e dirigida por Rafaela, que na época, estava cursando o último ano do Curso de Artes Cênicas, na UEM. A peça tinha sido escrita para a disciplina “Direção de Arte”, que faz parte do segundo ano do referido curso. A tônica da peça teatral era sobre lesbianidades, e era uma história verídica da autora, em que sua mãe descobre em mensagens de Whatsapp que ela estava se relacionando com uma menina. A partir disso, as “pedras no sapato” da mesma, foram retratadas por confusões, brigas, discussões familiares. A peça apresentada, trazia as duas meninas, e a dificuldade que tinham em se encontrar, em se tocar, em se amar...

As pessoas participantes na Abertura do V SIES se mostraram emocionadas pela apresentação teatral, que foi muito aplaudida e elogiada. Me recordo de estar sentada ao lado do então Reitor da UEM, que se mostrou emocionado e me disse: “todo mundo deveria assistir a esta peça, e se emocionar sobre a questão de escolhas sexuais”. No momento da apresentação teatral, um fotógrafo da UEM, tirou várias fotografias, que vieram a contemplar uma matéria no site da UEM, sobre o evento. Isto tudo aconteceu no final do mês de abril, de 2017. Em meados do mês de junho, do mesmo ano, fomos surpreendidas com mensagens em redes sociais, com uma das fotos retiradas do site da UEM, em que as duas atrizes estão muito próximas. Retiraram fotografia do site e a colocaram em outro contexto, alegando que “a universidade pública estava gastando dinheiro com exibição sexual dentro dela”, que “são todos assim na universidade” etc.

Foram tantas manifestações, com xingamentos, ofensas, desrespeitos que nos mobilizamos a buscar estas falas para que, com atas notariais, pudéssemos fazer as denúncias. A UEM recebeu, via o Reitor, um pedido de explicações, pela Assembleia Legislativa do Paraná, a ALEP, por um deputado estadual. A carta veio com oito questões, com teores de para qual público se referia, se tinha autorização de pais/mães

ou responsáveis, caso tivessem crianças no público, qual era o objetivo do evento, por que falar de sexo na universidade etc. Nosso grupo, o NUDISEX, se reuniu e respondemos a todas as perguntas, com 23 páginas no total. Enviamos à Secretaria do Procuradoria Jurídica da UEM, que nos orientou antecipadamente, e assim foi encaminhado para a ALEP. Nunca recebemos a devolutiva do documento, conforme havíamos pedido. E assim constatamos que a caminhada da tal “Ideologia de Gênero” (IG) estava se avançando, conquistando adeptos/as, e abrindo as portas para o Movimento “Escola sem Partido” (MESP), que, entre muitas determinações que ele apresentava, seriam as questões de gênero e sexualidade nas escolas.

Neste momento, nos debruçamos em estudar as questões que permeavam este Movimento e sobre a suposta “Ideologia de Gênero”. Rogério Diniz Junqueira (2017, p. 26-27), nos apresenta que a origem destas discussões vem

[d]os interessados no assunto, são concordes em afirmar que o nebuloso sintagma “teoria/ideologia de gênero”, com suas variações, é uma invenção católica que emergiu sob os desígnios do Conselho Pontifício para a Família e de conferências episcopais, entre meados da década de 1990 e no início dos 2000. Nos anos seguintes, o sintagma espalhou-se na forma de um poderoso slogan, incendiando a arena política de dezenas de países, ao catalisar manifestações virulentas contra políticas sociais, reformas jurídicas e ações pedagógicas voltadas a promover os direitos sexuais e punir suas violações, enfrentar preconceitos, prevenir violências e combater discriminações (hetero)sexistas. Com efeito, evidencia-se na atuação desses missionários da família natural a intencionalidade de opor-se a ações voltadas a legalizar o aborto, criminalizar a homotransfobia, legalizar o casamento igualitário, reconhecer a homoparentalidade, estender o direito de adoção a genitores de mesmo sexo, bem como políticas educacionais de igualdade sexual e de gênero e de promoção do reconhecimento da diferença/diversidade sexual e de gênero

Setores conservadores relacionaram essa suposta ideologia a questões da sexualidade e, partindo de concepções essencialistas, ideologizante e deterministas de sexualidade e gênero, estimularam o pânico moral de que “[...] a ação pedagógica nas escolas possa embaralhar estas certezas, fornecendo as crianças e jovens caminhos ditos como ‘não naturais’, fruto de influência justamente da ideologia de gênero” (SEFFNER, 2016, p. 8).

O Movimento Escola sem Partido (MESP) e a “Ideologia de Gênero” (IG) são elementos discursivos associados às demandas do ultraliberalismo e articulados aos interesses históricos/contingentes em torno de uma moralidade religiosa, que visam alcançar seus objetivos por meio do campo político/social, em que estão inseridas as seguintes instituições: a família e a escola, ambas que teriam que fazer a mediação de processos educacionais e socioculturais, e assim, fazem o controle de corpos e das construções de subjetividades (OLIVEIRA, PASSAMANI, DUQUE, 2019).

A frente Evangélica Parlamentar; partidos políticos de direita com agendas neoliberais; forte apoio da Igreja Católica, grupos conservadores da sociedade e setores religiosos neopentecostais. Segundo Luís Miguel (2016), idealizador do MESP, informa que ele surge no Brasil em 2004, mas só em 2014 se torna um projeto de lei e a principal organização a se apresentar enquanto uma “iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior” (MIGUEL, 2016, p. 595).

Os/As defensores/as deste Movimento apregoam que nos últimos anos existiu no Brasil uma espécie de ‘doutrinação ideológica’, advinda de grupos que consideram de ‘esquerda’, por meio de ‘professores/as-militantes’ se utilizaram da ‘escuta cativa’ dos/as alunos/as para difundir apenas um só viés ideológico, o chamado, por eles/as de ‘marxismo cultural’.

No Brasil, o uso da expressão “Ideologia de Gênero” se intensificou com a estruturação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014 e, desde então, tem causado grande repercussão no cenário político do país. A IG se trata de uma expressão ideológica que parte de uma reação da igreja católica e grupos de direita aos avanços de pautas políticas acerca dos direitos sexuais e reprodutivos. Tal expressão tem sido difundida, sobretudo, por grupos evangélicos, com forte apoio de setores tradicionais da Igreja Católica e grupos políticos conservadores.

Em foco estava o fato de diferentes câmaras legislativas do país, envolvidas com a aprovação de seus respectivos planos estaduais e municipais de educação, já estarem prontas a seguir o exemplo do Congresso nacional que, em 2014, suprimiu do texto final do Plano Nacional de Educação (PNE) todos os trechos em que “gênero”, “orientação sexual” e “sexualidade” eram explicitamente mencionados, fossem como fundamento de desigualdades sociais e de práticas discriminatórias a serem “combatida” nas escolas, fossem como temas importantes na

formação de professores (CARRARA, 2015, p. 323).

O MESP também foi responsável por criar mecanismos de perseguição, controle e punição aos/às professores/as que se mostrassem contrários/as às imposições morais e ideológicas do movimento. O exemplo disso foi à criação, em 2017, do monitor da doutrinação[1], uma plataforma digital que buscou perseguir e expor com fotos e vídeos professores/as de instituições escolares e universidades, e em 2018, o canal anônimo de denúncias[2], criado para fiscalizar professores/as em sala de aula. Além do MESP tentar por diversas vezes, tornar-se uma Lei obrigatória em todas as escolas brasileiras, diversos projetos de lei foram derrubados ou arquivados. Ano passado foi retirado de pauta.

Porém, em muitas situações que trabalhemos com as questões de gênero no espaço escolar, as pautas da ID e do MESP retornam, para causar pânico moral, e atacam a escola, pois ela é um espaço de reflexão, de criticidade, de debate de ideias e de argumentos, passa a ser entendida como um simples aparelho de reprodução de conteúdos.

A luta em torno do campo educacional é sobretudo ideológica, com vistas a um saber-poder que governa a vida e que tem nas instituições seu lócus por excelência. Só a partir desse entendimento compreendemos os atuais movimentos conservadores que atuam no Brasil em torno da educação e que apontam claramente para um projeto específico de sociedade, qual seja: elitista, classista, racista, machista e neoliberal (OLIVEIRA, PASSAMANI, DUQUE, 2019, p. 150).

Retornando, em período de pandemia, da COVID-19, fizemos o nosso VII SIES, em 2021, totalmente virtual, pois não podíamos ainda nos reunir. Foi uma imensa movimentação de pessoas organizadoras, com a missão de organizar salas virtuais, inscrições, apresentações de trabalhos, moderações de salas etc. Foi um árduo trabalho, sem poder ter contato físico com as pessoas, o que tanto engrandece/aquece o nosso grupo. Foram muitas reuniões virtuais, de preparação do evento, diálogos, decisões e a vontade de que muitas pessoas pudessem se encontrar, mesmo que a longa distância.

Ele ocorreu entre os dias 14 a 16 de abril de 2021, pela Plataforma Google Meet, e com a inscrição de 1.142 pessoas, e mais de 250 trabalhos apresentados em 18 Grupos

de Trabalhos (GT). A Programação contou com as seguintes pessoas palestrantes: James Green, dos Estados Unidos, Denise Carreira (Ação Educativa) e Fernando Luiz Cássio Vila (UFABC), Daniel Bruno Momoli (UFRGS) e Renan Quinalha (Mostra da Diversidade), Erisvan Bone de Souza (ativista defensor dos direitos indígenas) e Monica Benicio (Vereadora – RJ), Leandro Colling (UFBA) e Livia Sant'Anna Vaz (Promotora de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia), Tiago Duque (UFMS) e Alexandro Rodrigues (UFES), Helena Vieira (escritora e ativista LGBTQ+) e Sara York (UERJ).

E, neste ano, tivemos o cuidado de pensar nas pessoas surdas... como também com deficiências visuais. Conseguimos que, em cada Mesa Redonda e a Palestra de Abertura, tivéssemos pessoas que são Tradutoras de Libras, as TILS.

Assim, foram sete anos do SIES, de muitas interações, integrações, amizades, parcerias e a vontade de dar continuidade aos estudos que, por tanto tempo, tentamos implementar em nossa Universidade.

Além destes eventos de extensão, que são os mais procurados pelo público da própria UEM, bem como de outras universidades do país e do exterior, temos muitos projetos e cursos de extensão, além de lidar com as políticas públicas do município, bem como dentro da nossa Universidade. Um dos que mais nos organizamos foi a Resolução do Nome Social, elaborada a partir de 2011, com a entrada da primeira aluna travesti, no Curso de Pedagogia, na UEM-sede. Em 2013 saiu a Resolução N° 030/2013-CEP, sendo aprovada em todas as instâncias da instituição.

Os projetos de extensão desenvolvidos pela equipe do NUDISEX são muitos, e na maioria voltados para as escolas públicas, dialogando sobre as questões de gênero, violência sexual infanto/juvenil, violência contra a mulher, questões de diversidade sexual etc., sendo voltados para o corpo docente, administrativo, diretivo, funcionários, bem como o corpo discentes.

A nossa luta pelos estudos, cursos, eventos, bancas, palestras, aulas etc., em nosso grupo de estudos, o NUDISEX, vem, há 12 anos se solidificando como campo de resistência, apesar de tantos retrocessos, interditos, boicotes... continuaremos na luta, para quem sabe assim, desmistificarmos propostas que não apresentam temas de inclusão sobre Direitos Humanos, bem como compreendemos que é na escola que deve ser debatida a produção do diálogo, e que ele seja o resultado de um trabalho não amordaçador de docentes e demais profissionais da educação, que proporcionem reflexões críticas para formar pessoas conscientes do contexto de poder nos quais

estamos inseridas/os.

A luta é árdua, porém se faz instigante. Estaremos por perto!

Referência

CARRARA, Sérgio. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. *MANA* 21(2), 2015, p. 323-345.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: A promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa e MAGALHÃES, Joanalira Corpes. *Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade*. Rio Grande/RS: Editora da FURG, 2017, p. 25-52.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Revista Direito e Práxis*. Rio de Janeiro, v. 07, n. 15, 2016, p. 590-621.

OLIVEIRA, Esmael Alves de, PASSAMANI, Guilherme Rodrigues, DUQUE, Tiago. Quando a “interdição” tenta invadir a escola e “ex-comungar” as diferenças: algumas reflexões (in)discretas sobre o projeto “Escola sem partido”. *Periódicus*. N. 11, Vol. 2, maio/outubro, 2019, p. 142-160.

SEFFNER, Fernando. Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas. *Anais do XI Reunião Científica Regional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação*. Curitiba: ANPED SUL, 2016.

[1] *Disponível em:* <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/gazeta-do-povo-tira-do-ar-monitor-da-doutrinacao-entenda-por-que-31f43x0adm4bz2nc0p951gqvo/>. Último acesso: 07/05/2020.

[2] *Disponível em:* <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deputada-aliada-do-bolsonaro-cria-canal-anonimo-de-denuncia-contraprofessores-universitarios,70002571720>. Último acesso: 20/04/2020.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em junho de 2022.

Revista
Diver  **sidade**
e Educação